



Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Línguas

Secção de Português

Curso: Ensino de Português

Disciplina: Estágio II

**PORTEFÓLIO REFLEXIVO SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
REALIZADAS NA ESCOLA COMUNITÁRIA 4 DE OUTUBRO**

Lucas Nhamafolane Tembane

Maputo, Outubro de 2025

Lucas Nhamafolane Tembane

**PORTEFÓLIO REFLEXIVO SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS REALIZADAS
NA ESCOLA COMUNITÁRIA 4 DE OUTUBRO**

Portefólio apresentado à Faculdade de Letras e Ciências
Sociais, como um dos requisitos para a obtenção do grau
de Licenciatura em Ensino de Português

Supervisor: Doutor Etelvino Guila

Maputo, Outubro de 2025

Declaração

Declaro que o presente trabalho de fim do curso é resultado da minha investigação pessoal, que todas as fontes estão devidamente referenciadas e que nunca foi apresentado para a obtenção de qualquer grau nesta Universidade ou em qualquer instituição.

Assinatura

(Lucas Nhamafolane Tembane)

**PORTEFÓLIO REFLEXIVO SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS REALIZADAS
NA ESCOLA COMUNITÁRIA 4 DE OUTUBRO**

Portefólio avaliado como requisito para a obtenção
do grau de Licenciatura em Ensino de Português
pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Maputo, Outubro 2025

Supervisor: Dr. Etelvino Guila

1º Vogal : Prof. Doutor Nelson Ernesto

2º Vogal : dr. Célio Ouana

AGRADECIMENTO

Agradecer a Deus pela vida e saúde que me tem proporcionado.

Agradecer os professores que directa ou indirectamente contribuíram por meio dos seus conselhos, ensinamentos didácticos durante a minha formação académica.

Agradeço ao supervisor pelas orientações e paciente no trabalho do estágio, onde apliquei conhecimentos teóricos em práticas pedagógicas, até ao momento do trabalho final da formação.

Agradeço a família pela sua dedicação em incentivar, no esforço da formação e que é o objectivo fundamental, nisto, ela servia de fonte de inspiração.

Agradeço aos colegas que contribuíram pelo seu saber na motivação, força para sempre vencer os desafios no percurso desde o início da minha formação até ao término.

E a todos sem excepção, muito obrigado.

RESUMO

Este portefólio visa apresentar as condições físicas da escola, processos de planificação, mediação da língua, processos de avaliação e das aprendizagens construídas. Durante o estágio ficou evidente que a escola enfrenta alguns desafios nas condições de algumas salas de aulas, chapas danificadas com furos, falta de porta e janelas com vidro e uma racha na parede que une duas salas. Estes cenários no tempo de vendaval e chuvas influenciam negativamente o processo de ensino e aprendizagem. A planificação foi um instrumento importante para a elaboração do plano quinzenal e de aulas para o sucesso das aulas pedagógicas, e evitando aulas improvisadas. Mas havia impacto negativo pela falta de alunos e todos não tinham livros de disciplina de português. Mediação, era a fase da execução do plano, das aulas pedagógicas, revelou-se importante, na aplicação dos métodos do ensino tais como: o método expositivo, elaboração conjunta e trabalho independente. Estas estratégias contribuíram positivamente na construção do conhecimento. Ademais, os alunos enfrentavam desafios na escrita, mas a professora titular, ditava apontamentos, exercícios e correcção, porque a instituição não tinha giz e apagador. E este cenário era imprópria como solução. Tendo criado condições de adquirir o giz e apagador, visando o conforto dos alunos sem obstáculos, no decurso das aulas pedagógicas. Avaliação revelou-se um instrumento importante no ensino e aprendizagem permitiu o control e identificação do nível dos conhecimentos aos alunos, tais como a avaliação contínua e a formativa, enquanto a sumativa elaborado pelo delegado da disciplina. Em jeito de conclusão, ao longo do estágio, foi a melhor experiência no processo de ensino e aprendizagem, pelo facto de ter aplicado os conhecimentos teóricos, em práticas pedagógicas como futuro docente.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem, língua portuguesa, estágio.

ABSTRACT

This portfolio aims to present the physical conditions of the school, planning processes, language mediation, assessment processes, and the knowledge constructed during the learning process. During the internship, it became clear that the school faces some challenges regarding the conditions of some classrooms, such as damaged boards with holes, lack of doors, windows with broken glass, and a crack in the wall that separates two classrooms. These conditions, especially during storms and heavy rain, negatively influence the teaching and learning process. Planning was an important tool in the development of the biweekly plan and lesson planning for the success of the lessons, helping to avoid improvised lessons. However, there was a negative impact due to the lack of students, and not all of them had Portuguese subject books. Mediation, which was the phase of executing the lesson plans, proved crucial in the application of teaching methods such as: the expository method, joint elaboration, and independent work. These strategies contributed positively to the construction of knowledge. Furthermore, the students faced challenges in writing, but the main teacher would dictate notes, exercises, and corrections because the institution did not have chalk or erasers. This situation was inappropriate as a solution. After obtaining the necessary chalk and erasers, conditions were created to ensure the comfort of the students without obstacles during the lessons. Assessment proved to be an important tool in the teaching and learning process, as it allowed for the control and identification of the students' knowledge level, through continuous and formative assessments, while the summative assessment was prepared by the subject delegate. In conclusion, throughout the internship, this was the best experience in the teaching and learning process, as it allowed me to apply theoretical knowledge into pedagogical practice as a future educator.

Keywords: Teaching and learning, Portuguese language, internship.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO GERAL	1
2. REFLEXÃO SOBRE A ESCOLA	2
2.1. Localização geográfica.....	2
2.2. Condições físicas da escola.....	3
2.2.1. Parede com racha e chapas com furos	3
2.2.2. Falta de portas e vidros nas janelas.....	4
2.2.3. Biblioteca	4
2.2.4. Sala dos professores.....	5
3. REFLEXÃO SOBRE PROCESSO DE PLANIFICAÇÃO.....	6
3.1. Plano de aula	7
3.2. Plano quinzenal	8
4. REFLEXÃO SOBRE MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA	9
5. REFLEXÃO SOBRE PROCESSOS DE AVALIAÇÃO.....	11
5.1. Tipos de avaliação.....	11
5.2. Avaliação em Moçambique.....	11
5.3. Avaliação no âmbito do estágio	12
5.4. Apreciação dos resultados da avaliação	14
6. REFLEXÃO SOBRE AS APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS	15
6.1. Valor do processo da planificação nas aprendizagens	15
6.2. Competência na mediação e avaliação das aprendizagens aos alunos.....	16
7. CONCLUSÃO.....	17
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18
9. APÊNDICES	19
10. ANEXOS	31

1. INTRODUÇÃO GERAL

O presente trabalho surge no âmbito das práticas pedagógicas, realizadas na Escola Comunitária 4 de Outubro, como requisito para culminação do curso de Línguas de Ensino de português ministrado na Universidade Eduardo Mondlane na Faculdade de Letras e ciências sociais.

As práticas pedagógicas constituem o momento em que o futuro professor relaciona o conhecimento teórico adquirido na instituição académica, com a prática no terreno da escola secundária.

Para a melhor compreensão do conteúdo do portefólio, organizamos ele da seguinte forma:

1º - Introdução, na qual contextualizamos e apresentamos o trabalho, 2º - Temos a reflexão sobre a escola, na qual analisamos de forma crítica a influência de condições da estrutura da escola no processo de ensino e aprendizagem; 3º - Temos a reflexão sobre processo de planificação na qual refletimos sobre a importância da planificação no processo de ensino e aprendizagem; 4º - Reflexão sobre mediação da aprendizagem da língua, na qual examinamos de forma crítica os processos e os produtos relativos à prática de mediação das aulas; 5º - Reflexão sobre processos de avaliação, a qual analisamos criticamente os processos e os produtos referentes à avaliação das aprendizagens; 6º - Reflexão sobre aprendizagens construídas, a qual, nos posicionamos em relação ao papel do estágio supervisionado na sua formação; 7º - Síntese dos principais pontos, a qual, expomos a súmula dos aspectos abordados; 8º - Referências bibliográficas, a qual, apresentamos as obras citadas no trabalho.

E, para terminar, estão as evidências que ilustram de forma clara o percurso das práticas pedagógicas na Escola Comunitária 4 de Outubro.

2. REFLEXÃO SOBRE A ESCOLA

A escola, de acordo com Gomes et al. (1991), “é o local onde ocorre o processo de ensino e aprendizagem formal, é por excelência, a instituição social que tem de proporcionar condições para que os alunos desenvolvam valores éticos, morais bem como agir e pensar por conta própria”. (p.1) Nesta senda, para que a tenha êxito, ela deve possuir um ambiente acolhedor e favorável para os sujeitos das práxis educativa e do corpo não docente.

Nesta secção, pretende-se reflectir sobre a localização geográfica e as condições físicas da Escola Comunitária 4 de Outubro, onde realizámos as nossas práticas pedagógicas, inseridas no âmbito da conclusão do curso (ver anexos a e b), com o intuito de compreender os aspectos que interferem no processo de ensino-aprendizagem (PEA).

2.1. Localização geográfica

A Escola Comunitária 4 de Outubro localiza-se no Bairro da Polana Caniço “A”, no distrito Municipal KaMaxaquene. A escola em referência, fundada em 1988, está organizada da seguinte forma: escritórios para Director Geral e Director Adjunto Pedagógico, 11 salas de aula, reprografia, secretaria, sala dos professores, biblioteca, uma lanchonete, lavabos, uma guarita e espaço escolar. A escola é criada, no âmbito regulado pela Lei nº 18/2018 que introduziu o novo sistema com toda extensão da escolaridade obrigatória e a configuração do ensino secundário geral. Ver Apêndice A

A instituição funciona com um coordenador, director da escola e seu adjunto, professores, alunos e funcionários administrativos e de limpeza. O horário de funcionamento da escola é de dois turnos, laboral (período matinal e vespertino) e pós-laboral, leccionando a partir da 7ª a 12ª classes.

O acesso ao estabelecimento de ensino é feito por são ruas estreitas, o que condiciona a livre circulação de pessoas e automóveis, em simultâneo. Essa dificuldade, entendemos que se pode agravar em situações de emergência, colocando em perigo de vidas humanas. Importa frisar que, nas proximidades da escola, proliferam estabelecimentos de venda de bebidas alcoólicas. A exposição destas para os alunos coloca-os em uma situação de vulnerabilidade. E poderem assistir aulas num estado de embriagues, impactado o decurso normal das aulas pedagógicas.

2.2. Condições físicas da escola

Ao longo das nossas práticas pedagógicas, pudemos constatar que a escola apresentava desafios que impactavam no processo de ensino e aprendizagem. Dentre eles, as salas de aulas com paredes com rachas, chapas com furos, falta de portas e vidros nas janelas, biblioteca com dimensões muito reduzidas e fracas condições organizativas da sala de professores.

Como refere Gomes et al (1991), o dever da “escola é de proporcionar a aquisição de saberes e de competências que asseguram o desenvolvimento integral dos alunos e a sua participação no progresso da sociedade.” (p. 1) E, isto só pode ser possível se as condições físicas e do ambiente escolar estiverem completamente criadas. Todavia, a Escola Comunitária 4 de Outubro apresentava um cenário diferente, que comprometia tanto o sucesso na mediação de aprendizagem assim como na assimilação da matéria por parte dos alunos.

No prosseguimento do nosso trabalho, iremos reflectir sobre alguns dos aspectos identificados, que julgamos que tenham alguma interferência no processo de ensino e aprendizagem, tal é o caso de paredes com racha, chapas danificadas e com furos, salas sem portas, e janelas sem vidros.

2.2.1. Parede com racha e chapas com furos

A Escola Comunitária 4 de Outubro, devido aos seus anos de existência é compreensível a existência de uma racha, porém, a permanência da mesma não é justificável. As escolas passam por supervisão e inspecção de exames e avaliações provinciais, mas não das condições físicas e qualidade das infra-estruturas, razão pela qual a racha na parede existe até nos dias de hoje.

No caso específico, a sala onde se realizou as práticas pedagógicas existe uma racha (ver apêndice A), que une duas salas e, devido a sua dimensão, provoca o desconforto e medo, pois no tempo das chuvas ou vendaval a parede pode desabar podendo ser visto como um atentado à vida. Para além desta situação, na mesma sala observamos chapas danificadas, com furos, que permitiam a penetração de raios solares e infiltração de água no período de chuva. Este cenário trazia o impacto muito forte no decurso normal das aulas, isto porque os alunos molhavam os seus pertences e o material escolar.

Ademais, devido chuva, alguns alunos tinham que ser retirados dos seus lugares para lugares favoráveis, de modo a dar continuidade com a aula. Esta situação tinha um impacto negativo no

decurso normal da aula, visto que reduzia o tempo estabelecido para a aula e, conseqüentemente, comprometia o cumprimento dos objectivos estabelecidos para cada aula afectada. Portanto, para a correcção destes aspectos sugere-se que o sector administrativo crie condições financeiras para fazer a manutenção da escola.

2.2.2. Falta de portas e vidros nas janelas

As salas, para o processo das práticas pedagógicas, não devem ter falta de portas, porque estas protegem os seus utentes, e de mobiliário escolar. Todavia, a sala onde leccionávamos não tinha porta e as janelas estavam danificadas e sem vidros, como atesta o apêndice B

Com o cenário descrito, a sala ficava exposta a quaisquer fenómenos, como: penetração de raios solares, tempestades, invasão dos malfeitores bem como sabotagem da aula pelos agentes externos. Para além disto, a sala de aula ficava exposta a barulho dos alunos e indivíduos que estiverem do outro lado de fora que não tinham aulas. Assim sendo, observamos que o estado da sala de aula influenciava negativamente no processo de ensino e aprendizagem, ao não garantir que não tivessem focos de distração externa para os alunos.

2.2.3. Biblioteca

Libâneo (1994, p.117) defende que, em instituições escolares, “onde for possível deve-se organizar uma biblioteca com enciclopédias, livros e literaturas infantil, uma sala de brinquedos, jogos, aparelhos de som, onde os alunos possam fazer o recreio e ouvir músicas de vários estilos”. Portanto, sendo a biblioteca um lugar onde os alunos adquirem conhecimentos pela actividade da leitura dos livros e outros recursos disponíveis, contribui para a sua formação.

A escola apresenta uma biblioteca pequena com seus recursos no seu acervo, tornando o processo de ensino e aprendizagem comprometido, se tivermos em atenção que a biblioteca é um espaço imprescindível na aprendizagem dos alunos que frequentam aquela escola. Neste cenário sugerimos ao sector administrativo aumentar a sala e aproximar aos parceiros de maiores bibliotecas afim de apetrechar com os livros.

2.2.4. Sala dos professores

A instituição escolar enfrenta desafios que não se limitam aos que apresentamos até ao momento. A título de exemplo, dos demais problemas está a sala dos professores. Na sala dos professores, os cacifos estão sem vidro, comprometendo a conservação segura dos documentos ali presentes. Também verificamos falta de cadeiras suficientes para os professores. Assim sendo, fica difícil o grupo reunir-se para actividade colectiva, tal é o caso de planificação quinzenal. Ver Apêndice “C

Face a estas condições vigentes nesta escola, percebe-se que o professor e o aluno embora sejam essenciais para o PEA não são suficientes para uma qualidade de ensino. Assim sendo, é preciso a ajuda de corpo não docente como auxiliar, pois estes podem tornar a escola um lugar acolhedor, organizado e limpo. Pois, o ambiente escolar, além de promover o ensino e aprendizagem, facilita aquisição de conhecimentos, permite a participação de todos desenvolvendo habilidades e a criatividade. E Piletti (2004) afirma que a sala de aula deve ser arejada bem iluminada, equipada, com essencial, mobiliada com propriedade, atraente e agradável

3. REFLEXÃO SOBRE PROCESSO DE PLANIFICAÇÃO

A planificação é um instrumento essencial para a prática docente, é a bússola que norteia e garante o sucesso de toda actividade dos agentes da praxe educativa. Segundo Haydt (2013), “a planificação é o processo de criar e implementar o plano para atingir um objectivo específico. Para além desta visão, Fonseca & Fonseca (2016), definem a planificação, acção de responsabilidade do professor que inclui a previsão das actividades didáticas, de pesquisa e organização dos aspectos que serão avaliados no decorrer da prática docente. Todavia, Embora as definições acima sejam precisas, Haydt (2013), acrescenta que através da planificação pode se delimitar o problema e se definirem os aspectos da realidade a serem estudados com vista a solucionar um problema.

Com base nisto, esta secção pretende reflectir sobre a relevância da planificação bem como demonstrar os desafios enfrentados na sua produção. Ademais, relatar e descrever os elementos diversificados que interferiram na sua elaboração. E, para tal utilizar-se-á apêndices “D” de modo a evidenciar a experiência vivida no campo.

Durante o estágio supervisionado, a planificação orientou todo o processo de ensino e aprendizagem e foi um instrumento facilitador de todos momentos de aula ditando o que se fazer e esperar em cada função didática. Para além disso, a produção escrita do plano permitia obedecer a sequência lógica de unidades didáticas, orientando o ponto de partida e de chegada.

Através dos planos produzidos, tais como o plano quinzenal assim como de aulas, de forma prévia analisávamos os desafios que os alunos apresentavam e preparávamos as aulas tendo o foco a realidade do aluno. E, neste sentido, o plano tornou-se uma ferramenta relevante na sala de aula tanto para nós, enquanto professores, assim como o aluno, pois, situava a sua aprendizagem. Por via disso, a nossa actividade foi pautada pela concepção de planos e anúncio dos objectivos da aprendizagem na sala de aula, porque a sua ausência pode significar o insucesso de uma unidade didáctica e falta do alcance dos objectivos predefinidos das aulas. Piletti (2004) afirma que, o plano de aula é elaborado incluindo: a determinação dos objectivos, selecção e organização dos conteúdos, selecção e organização dos procedimentos de ensino, selecção de recursos, selecção de procedimentos de avaliação estruturação do plano de ensino.

3.1. Plano de aula

Desde o início do estágio supervisionado, sempre portamos connosco a planificação de aulas. Este plano era produzido com base no plano quinzenal que, por sua vez, advinha do plano analítico. A produção escrita deste plano obedecia ao conteúdo a ser ensinado e os objectivos previstos no plano quinzenal. Neste processo, elaborávamos o plano com atenção a realidade dos alunos e das condições apresentadas pela escola, exigindo a escolha de metodologias ou abordagens de ensino que levassem o aluno a se concentrar e a ter interesse pela aula.

Os planos eram examinados e, por vezes, fazia-se correcção tanto na organização dos conteúdos, assim como dos objectivos específicos pela professora titular da turma. A atitude da professora titular era uma forma de nos capacitar e melhorar a nossa forma de planificar com vista a mediar as aulas, partindo do domínio das matérias, métodos e técnicas de ensino e aprendizagem na base do plano, pois, (Fonseca e Fonseca, (2016) defendem a estruturação do plano pelo professor específica e prevê a sua operacionalização, apresentando as acções e procedimentos que irá realizar na sala de aula e os materiais que se pretende usar na sala de aulas. Porém, mesmo com a produção escrita deste plano houve um aspecto que impactava negativamente o cumprimento do plano, a saber:

(i) Atraso de pagamento de propinas mensais

A orientação da escola quanto ao atraso de pagamento de propinas mensais era de que só poderão voltar às aulas depois de conseguir o valor em dívida e não eram permitidos entrar dentro do recinto escolar. Entretanto, depois de um período o aluno que conseguisse pagar a dívida e voltava a assistir às aulas.

Nesse meio tempo, o aluno perdia as aulas e não se preocupava em passar apontamentos. E estava atrasado na matéria e a compreensão da mesma. Assim, tínhamos que recuar à matéria anterior, na explicação, depois de copiar apontamentos nos cadernos dos seus colegas. Observando os mesmos cenários só criavam impacto negativo para o sucesso da planificação das aprendizagens, ou seja, comprometia a realização das nossas actividades previamente planificadas. Mas, era importante cumprir para alcançar os objectivos de Gomes et. Al (1991, p. 3) “ensinar é sobretudo ensinar a aprender”

3.2. Plano quinzenal

No decurso das nossas práticas no âmbito do estágio supervisionado, tivemos a oportunidade de estarmos envolvidos na planificação quinzenal, que era feita pelo grupo de disciplina de Língua Portuguesa, a cada duas semanas, conforme atesta a acta de uma das planificações (vide anexo c). A referida planificação tinha como objectivo planificar as aulas que seriam leccionadas na quinzena seguinte.

As planificações quinzenais eram um momento de troca de experiências quanto às estratégias de ensino. A discussão dos conteúdos nas planificações ajudava bastante na melhoria das nossas práticas. Portanto, por meio das discussões tidas, abria-se um espaço para que emergissem exemplos de estratégias bem-sucedidas.

Somos de opinião, de que as experiências partilhadas com os outros contribuem para que alcancemos os objectivos, que estabelecemos para as nossas próprias aulas. Por via disso, as planificações em alusão revelaram ser momentos únicos no exercício da profissão docente.

Portanto, em jeito de síntese, podemos dizer que a planificação é um instrumento indispensável para realização de uma actividade na educação, pois, o professor precisa de planificar as aulas, sem recorrer à improvisação, para as actividades pedagógicas. Através do plano, o docente organiza os conteúdos, selecção e organização dos procedimentos, do ensino e aprendizagem. Sendo assim, tínhamos o programa de conteúdo, que devíamos leccionar após a planificação quinzenal. Depois, cada professor sabia as unidades temáticas que lhe competia para leccionar por semana, dias e horas por turma. O passo subsequente era da responsabilidade de cumprir com o plano até concluir o programa quinzenal do processo de ensino e aprendizagem. De facto a planificação revelou-se importante no ensino e aprendizagem, porque segundo Piletti (2004), evita a rotina e a improvisação, contribui para a realização dos objectivos visados, promove a eficiência, do ensino, garante maior segurança na direcção do ensino e garante economia de tempo e energia.

4. REFLEXÃO SOBRE MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA

A mediação da aprendizagem, de acordo com Libâneo (1994), é uma interacção do professor e dos alunos com vista construir o conhecimento. Este processo acontece, pela influência do professor, são mobilizadas as actividades físicas \e mentais próprias das crianças no estudo das matérias. Por seu turno, Gomes et al (1991), defendem como “o acto de despertar o interesse e apoiar o aluno a relacionar as aprendizagens já realizadas e aquelas que lhes são propostas.” (p. 3) Em síntese, a mediação é a acção precisa do processo de ensino e aprendizagem em que o professor cria predisposição para que os alunos aprendam e medeia os conteúdos na base do diálogo e um conjunto de actividades e, no final, faz uma síntese.

Nesta secção, a reflexão feita cinge-se em analisar de forma crítica e precisa os processos e os produtos relativos às práticas de mediação das aulas, apresentar princípios e saberes pedagógicos-didácticos da língua portuguesa e demonstrar o progresso realizado no âmbito de leccionação de aulas de Língua Portuguesa.

Durante o estágio supervisionado a mediação das aprendizagens na sala de aula foi uma função didáctica e o papel essencial do corpo docente. O “fazer o aluno aprender” era a nossa principal actividade, por isso, coube a nós, enquanto professores seleccionar métodos e procedimentos de ensino e aprendizagem que facilitassem o aprendizado e contribuíssem para a construção do conhecimento por parte dos alunos. Gomes et. al (1991) “Ser professor é facilitar e orientar a aprendizagem.” (p. 3)

Ao longo das nossas práticas, notávamos que os alunos apresentavam problemas de escrita. Isto agravava-se, no nosso entender, pelo procedimento didáctico adoptado pela professora titular. Na fase inicial do estágio, na Escola Comunitária 4 de Outubro, a professora trabalhava com o manual de Português e ditava apontamentos, exercícios e fazia a respectiva correcção na base da linguagem verbal oral. Portanto, não havia oportunidade para ver modelos de escrita facultados pela professora.

Confrontada, a professora alegou que a instituição escolar não tinha giz e apagador para conduzir as práticas pedagógicas. Por via disso, enveredamos por um caminho oposto ao adoptado pela professora titular. Assumimos que era necessário desenhar estratégias para que os alunos tenham aulas com total conforto sem obstáculos. E para ultrapassar este cenário, vimos a necessidade da

aquisição do apagador e do giz para corrigir a falta destes materiais, porque tinham uma implicação negativa no processo de ensino e aprendizagem.

A par da falta de giz e apagador, pudemos notar que os alunos não traziam o livro da disciplina de Português, facto que influenciava negativamente as nossas acções lectivas. Tivemos que nos reinventar. Pensamos em orientar os alunos para fazerem cópia dos textos que iam ser usados na aula, mas os alunos apresentavam dificuldades para tirar copias para servir nas aulas subsequentes. Nisto, tínhamos que tirar cópias e distribuir ou passar apontamentos no quadro para os alunos copiarem. Sendo assim, o tempo de aula, em algumas circunstâncias ficava comprometido, pois tínhamos que levar tanto tempo passando os apontamentos no quadro e vistoriando o que os alunos íam escrevendo, de modo a nos assegurarmos que os alunos estavam a passar os apontamentos registados no quadro. Antunes (1937) “Os alunos não sabem escrever” tem como pressuposto a constatação de que eles escrevem com erros de ortografia. A escola deve cuidar para que isso aconteça – é de esperar que, ao final do ensino médio, os alunos não demonstrem dificuldades ortográficas.” (p.61)

Neste trabalho, da mediação das aprendizagens, tivemos em consideração a selecção dos métodos de ensino como: método de exposição, elaboração conjunta e trabalho independente.

Com base neste processo de mediação, compreendemos que para o processo de ensino, é preciso uma boa relação entre professor e aluno, conforme defendido por Haydt (2006). Ficou evidente que é através desta relação que pode haver uma troca de conhecimento, facilitando a construção e assimilação do conteúdo por parte dos alunos.

A nossa experiência de mediação das aulas deixou claro que, enquanto professores devemos considerar o aluno o centro do processo de ensino e aprendizagem, e criar um ambiente de confiança e de alegria na sala de aulas que leve os alunos a participarem com interesse nas actividades impostas pelo professor. Piletti (2007) o professor como líder é o grande responsável pelo bom relacionamento. Sua influência na sala de aula é criação de um clima psicológico que favoreça ou desfavoreça a aprendizagem depende principalmente dele.

5. REFLEXÃO SOBRE PROCESSOS DE AVALIAÇÃO

Avaliação, é “a oportunidade de verificar o nível de assimilação conseguido pelos alunos, a qualidade do material assimilado, bem como o progresso obtido no desenvolvimento das capacidades cognitivas” (Libâneo 1994, p. 98). Enquanto a visão do Piletti (2004) é um processo contínuo de pesquisa que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atributos dos alunos, tendo em vista mudanças esperadas no comportamento, propostas nos objectivos. Afim de que haja condições de decidir sobre alternativas de planificação do trabalho do professor e da escola como um todo.” Sendo que, Fonseca e Fonseca (2016) defende que é todo o processo educativo, incluindo a planificação, a correcção das actividades e até a própria avaliação institucional.

Compreende-se que avaliação das aprendizagens começa no processo da planificação e na mediação da aprendizagem da língua portuguesa.

5.1. Tipos de avaliação

Piletti (2004) avaliação se desenvolve, nos diferentes momentos de processo de ensino e aprendizagem, com objectivos distintos.

- (i) Avaliação diagnóstica que é utilizada para verificar o conhecimento que os alunos têm. Pré-requisitos que os alunos apresentam.
Aplica-se no início de uma unidade, semestre ou ano lectivo.
- (ii) avaliação formativa é feita ao longo do processo de ensino e aprendizagem, tendo a função controladora.
Propósitos da avaliação: informar o professor e o aluno sobre o rendimento da aprendizagem; localizar as deficiências na organização do ensino.
- (iii) Avaliação somativa que feita no fim do processo de ensino-aprendizagem, tem a função classificatória, isto é, segundo o nível do aproveitamento.

5.2. Avaliação em Moçambique

De acordo com Fonseca e Fonseca (2016), as modalidades da avaliação são as seguintes:

- (i) Avaliação diagnóstica é uma acção avaliativa realizada no início de um processo de aprendizagem que tem a função de obter informação sobre o conhecimento, aptidões e

competência dos alunos com vista a organização do processo de ensino-aprendizagem de acordo com as situações identificadas.

- (ii) Avaliação formativa é uma modalidade de avaliação que intervém em todo o processo de ensino-aprendizagem e realiza-se a qualquer momento da aula para identificar o nível de aprendizagem dos alunos.
- (iii) Avaliação sumativa é uma modalidade direccionada a recolha de informação relativa ao nível de alcance das competências pré-determinadas nos programas de ensino pelos alunos com vista à classificação e certificação.
- (iv) Avaliação aferida é uma modalidade que se destina à recolha de informação sobre o grau do cumprimento dos objectivos escolares ou da implementação de um currículo.
- (v) Avaliação contínua e sistemática: são avaliações que acompanham o progresso do aluno de forma contínua e sistemática ao longo do tempo.
- (vi) Avaliação periódica (trimestral/ semestral são avaliações realizadas em intervalos regulares, como trimestral ou semestral para medir o progresso do aluno num período de tempo.
- (vii) Exames finais: são exames realizados no final de cada ciclo de ensino ou do ano lectivo para avaliar o conhecimento adquirido pelos alunos e classificar o seu desempenho definitivo.

A avaliação, portanto, é indispensável no processo de ensino e aprendizagem, pois o professor necessita de conhecer o impacto da sua leccionação em relação aos seus alunos. Daí que, através desta prática pedagógica, o professor observa o desempenho dos alunos, no conhecimento das matérias, visando a uma tomada de atitude.

5.3. Avaliação no âmbito do estágio

Durante as actividades do ensino tínhamos em consideração os processos da avaliação com a tendência de averiguar o progresso dos alunos nas aulas. Sendo assim, aplicávamos os seguintes tipos de avaliação das aprendizagens: avaliação diagnóstica, contínua, sistemática ou formativa e sumativa.

Avaliação diagnóstica, fazíamos sempre no início da unidade didáctica, a cada passo no decurso da aprendizagem com finalidade de aferir o nível dos conhecimentos prévios e identificar as

dificuldades dos alunos. Esta modalidade de avaliação tinha como objectivo fornecer subsídios que iriam orientar a selecção das estratégias que serviriam no prosseguimento do ensino. Assim, a Avaliação formativa, ou considerada Avaliação Contínua sistemática (ACS), era feita pelos alunos, durante o trimestre, com o propósito de acompanhar e observar o progresso dos mesmos ao longo das nossas aulas. Com esta avaliação procurávamos saber se os alunos alcançaram os objectivos preconizados sobre as matérias leccionadas. E ao longo do trimestre avaliamos duas ACS. Ver anexos “d” e “e”

Durante as aprendizagens é importante haver o controle das actividades que ocorrem nas aulas pedagógicas. Nesse sentido, avaliávamos as actividades do ensino e aprendizagem, para medir o progresso dos alunos. Sendo assim, os trabalhos de casa (ver anexo h), correcção dos exercícios e o caderno do aluno eram avaliados com objectivo de pressionar os alunos a resolverem os exercícios e a manter os cadernos com apontamentos e limpos. Avaliávamos os nossos alunos, usando o método de uma prova escrita dividida em duas partes, sendo que a primeira imagem tinha perguntas de interpretação e compreensão. A segunda parte da prova era dos exercícios ligado ao funcionamento da língua.

A interpretação e compreensão, assim como as perguntas do campo de funcionamento da língua que eram realizadas no texto, serviam para identificar o nível dos conhecimentos dos nossos alunos sobre os conteúdos leccionados. Era o nosso objectivo ver os objectivos se foram alcançados, sobre os alunos, através dos resultados do aproveitamento pedagógico. E produzia se a informação relevante sobre as dificuldades encaradas. No campo de funcionamento da língua, as unidades didáticas que avaliamos são as seguintes: verbos irregulares, discurso directo e discurso indirecto, conjunções e locuções subordinativas temporais e condicionais; e conjunções e locuções subordinativas causais e finais.

Já, a avaliação sumativa, também considerada Avaliação parcial (AP), realizada no final do trimestre, incluiu todas as unidades didáticas que avaliamos nas duas avaliações contínuas sistemáticas (ACS). É uma avaliação que tem a função classificatória, no final de todas unidades didáticas programadas ao longo do trimestre. Nesta avaliação de AP, coube-nos a responsabilidade da correcção e elaboração da informação sobre desempenho dos alunos.

5.4. Apreciação dos resultados da avaliação

No decorrer das avaliações registamos as notas no caderno, para no final do semestre apresentamos os resultados obtidos nas duas ACS e AP que representam o desempenho e o nível de conhecimentos das aprendizagens adquiridos pelos alunos durante o estágio. Sendo assim, os alunos fizeram duas avaliações formativas, que incluíam ACS's e uma avaliação sumativa ou AP.

Na primeira ACS, os resultados foram negativos, posto que no total de 11 alunos da turma, somente quatro alunos é que tiveram positivas e os remanescentes sete, tiveram negativas. Importa referir que a máxima nota foi de 14 valores. Portanto, analisando os resultados evidenciam que não houve um bom nível da assimilação dos conteúdos pelos alunos. O que nos levou a repensarmos nas nossas metodologias e nas estratégias adoptadas na mediação das aulas.

Devido aos resultados da primeira ACS colocou nos à reflexão de termos que adoptar estratégias motivadoras nas aprendizagens juntamente com os alunos, permitindo que, na segunda ACS, houvesse uma melhoria. Nesta avaliação, a maioria dos alunos teve positivas e a máxima nota foi de quinze valores. Discriminando, sete alunos tiveram positivas e dois negativas. Os outros dois alunos não fizeram avaliação devido à falta de pagamento de propinas mensais no sector administrativo. Neste sentido, os resultados da avaliação formativa mostram que os objectivos traçados na planificação sobre as unidades didáticas foram alcançados. nisto, os alunos tiveram progresso na assimilação dos conteúdos e foi positivo o nível do seu desempenho.

Na avaliação sumativa, os resultados não foram favoráveis a máxima nota foi de dez valores, a maioria teve aproveitamento pedagógico negativo. Compreendemos que os alunos não tiveram bom nível de assimilação de conteúdos que leccionámos. Portanto, os maus resultados foram decorrentes do facto de terem sido submetidos a uma avaliação sumativa de nona classe (9ª classe). Este cenário criou o mau estar, devido à indignação da turma.

O facto descrito teve a sua origem nos envolvidos na elaboração. Ora vejamos, o teste foi elaborado pelo delegado da disciplina. Este não solicitou os professores que leccionavam a 8ª classe. Este episódio possibilitou a concluir que é com acompanhamento durante as actividades pedagógicas, que o aluno adquire conhecimentos e habilidades sobre as aprendizagens, havendo necessidade de ajustar as avaliações das aprendizagens dos alunos em conformidade com o que foi devidamente leccionado.

6. REFLEXÃO SOBRE AS APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS

O estágio supervisionado é uma parte essencial do processo de formação, permitindo que os estudantes aprendizes de uma profissão vivenciem as práticas pedagógicas e apliquem os conhecimentos teóricos.

Segundo Piletti (2007), a aprendizagem “não significa apenas aquisição de conhecimentos, conteúdos” acrescenta que aprendizagem é “um processo de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente, de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir”. Sendo a escola um local acolhedor nele desenvolvem-se actividades do ensino e aprendizagem.

Foi a partir desse pressuposto que procuramos ser futuros professores na construção dos conhecimentos por via das práticas pedagógicas no estágio. Nesta função, foi imperioso criarmos a dedicação no domínio das actividades do ensino, sermos mais competentes na gestão de todas as circunstâncias que pudessem acontecer com os alunos, controlávamos os alunos na formatura, no entoar do hino nacional e na sala de aulas. Antes das aprendizagens, era necessário desenvolver a planificação das aulas, mediação e avaliação.

6.1. Valor do processo da planificação nas aprendizagens

A planificação, durante o estágio revelou-se indispensável para aplicar nas aulas pedagógicas. Deste modo, aprimoramos a elaborar o plano de aula e olha-lo como um guião que contribuía para o nosso sucesso nas aulas, se considerarmos como meio para o controlo do conteúdo didáctico, gestão do tempo e das estratégias que seriam aplicadas durante as aulas pedagógicas. Neste sentido, o plano analítico da disciplina de Língua portuguesa servia de fonte para a selecção das unidades didácticas para prepararmos e ainda pesquisarmos e depois elaborar no plano da aula.

O momento de planificação ajudou a termos o domínio da planificação e melhorarmos o trabalho em equipa, uma vez que tivemos momentos em que a elaboração do plano de aulas era feito depois da planificação quinzenal, a qual, reuníamos em grupo de professores para discutirmos os conteúdos que deveriam ser leccionados. Assim, supríamos alguns desafios no campo de definição dos objectivos específicos do plano, através da contribuição dos colegas do ensino.

6.2. Competência na mediação e avaliação das aprendizagens aos alunos

A mediação da aprendizagem, durante o estágio, consistia em incentivarmos os alunos no interesse das aulas, de modo a conseguirmos alcançar o objectivo planificado e concluir a matéria planificada no plano durante o tempo da aula. Assim, as aulas ministradas durante o estágio favoreceram para que conseguíssemos gerir o tempo, a dominarmos a aplicação das estratégias que contribuíam na compreensão da matéria pelos alunos durante o processo de ensino e aprendizagem.

A par da melhoria da mediação dos conteúdos, melhoramos a avaliação das aprendizagens dos nossos estudantes, uma vez que aprendemos a usar um conjunto de instrumentos de avaliação. Ao longo das nossas práticas avaliávamos os cadernos, verificávamos a resolução do exercício por cada aluno, fazíamos anotação no caderno do professor. Assim, éramos facilitadores e monitores dos nossos alunos, tomando em consideração as suas diferenças nas suas mentalidades e no ritmo da assimilação dos conteúdos.

Com o processo avaliativo, adquirimos conhecimentos nas actividades pedagógicas e ganhamos experiência como futuro docente. Nesta actividade, sentíamos-nos portadores de muita responsabilidade, posto que tínhamos que demonstrar a nossa competência em todos os passos atinentes à planificação e à mediação. Assim, no decorrer da planificação e a mediação, criávamos condições para a realização da avaliação tendo em conta a importância desta no processo de ensino e aprendizagem.

7. CONCLUSÃO

A Escola Comunitária 4 de Outubro foi o local onde aplicamos os conhecimentos teóricos, nas nossas práticas pedagógicas como futuros professores. Ao longo da nossa experiência como professores pudemos notar que algumas das condições físicas da escola, interferem grandemente no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Em outra abordagem, pudemos concluir que a planificação é um instrumento importante para as actividades pedagógicas, pois através do plano analítico da língua portuguesa, reuníamos-nos em grupo de professores para discutir as propostas dos conteúdos, fazendo a planificação quinzenal. Portanto, a planificação quinzenal revelou ser um instrumento incontornável para a elaboração do plano de aula, que deve ser concebido tendo em consideração a realidade dos alunos e a carga horária das aulas.

Por seu turno, a mediação de aulas favoreceu para retermos que este deve ser desenvolvido através da interacção activa do professor com alunos, aplicando o plano da aula em execução. Ademais, o papel de incentivar os alunos para aderir à aprendizagem é crucial na condução das práticas lectivas. A actividade incentivadora dos alunos passa pela selecção e utilização dos métodos mais ajustados a cada situação de aprendizagem para os alunos adquirirem conhecimentos.

Não restam dúvidas que o sucesso da mediação das aulas está na planificação. Todavia, a avaliação das aprendizagens dos alunos também joga um papel importante, se considerarmos que a avaliação é a fase em que identificávamos o nível de assimilação dos conteúdos pelos nossos alunos, concentrando-nos no progresso ou dificuldades na compreensão dos conteúdos didácticos pelos nossos alunos, assim como reflectindo sobre as nossas acções enquanto professores e facilitadores de conhecimento.

Em forma de síntese, podemos afirmar que o nosso estágio supervisionado foi um contributo inestimável na construção de conhecimentos exigidos no exercício da profissão. Portanto, o estágio em uma escola real ajudou-me para adquirir a experiência como futuro professor.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antunes, I. (2007). *Aula de português: encontro & Interação* 8ª edição. Parábola.

Fonseca, J. J. S & Fonseca, S. (2016). *Didáctica Geral*. INTA – Instituto Superior da Teologia Aplicada Sobral.

Freire, P. (2011). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paz e terra.

Gomes, A. et. al. (1991). *Guia de professor de língua portuguesa*. Fundação Calouste Guibenkian, Vol. 1.

Haydt, R. C. C. (2011). *Curso de Didática geral*. Ática.

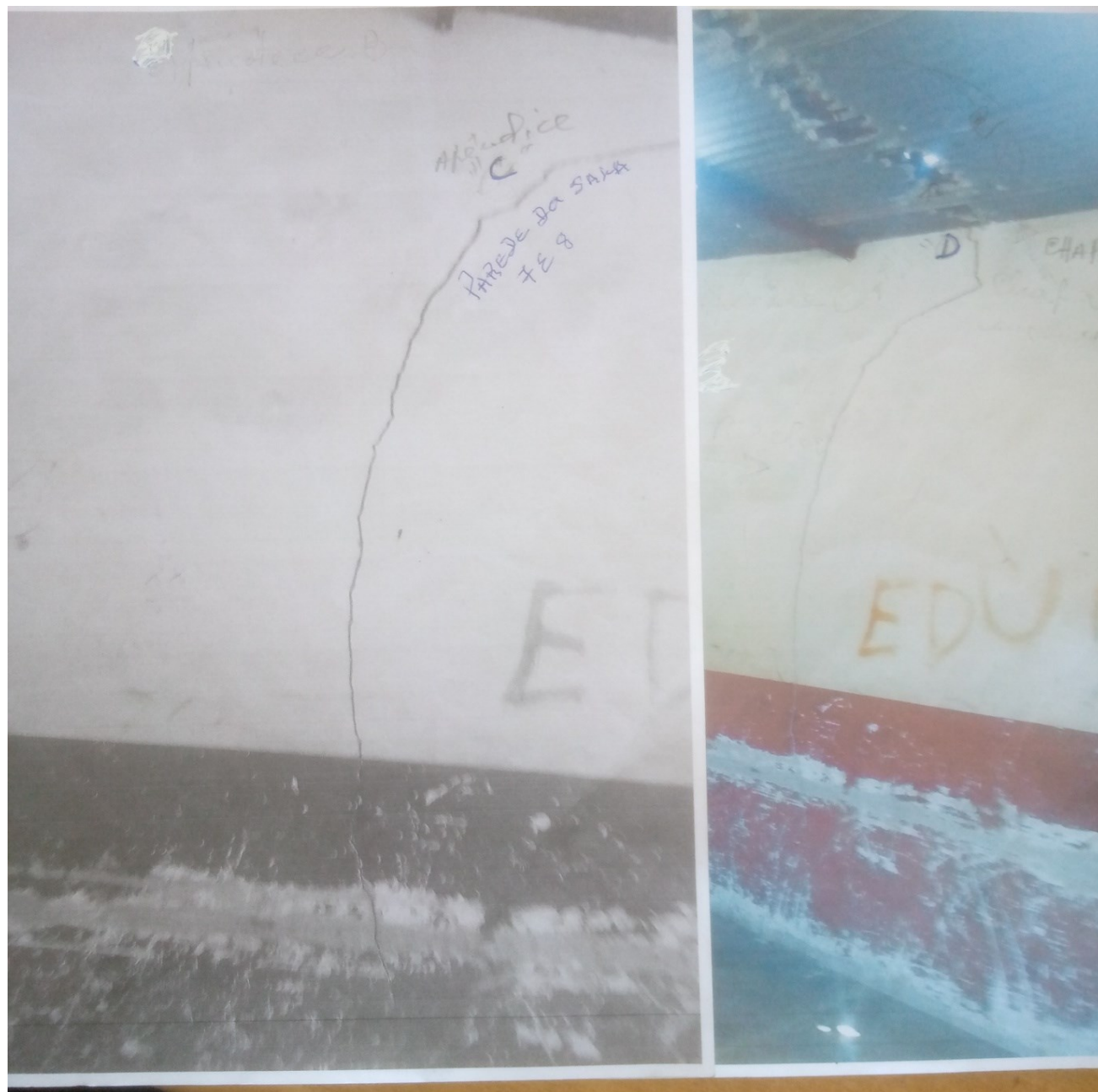
Libâneo, J. C. (1994). *Didáctica*. Cortez Editora, São Paulo

Ministério da Educação – Sistema Nacional de Educação (SNE) Lei – Nº 18-2018, MEPT Moçambique

Peletti, C. (2007). *Didáctica geral (23ªed)*. Ética.

9. APÊNDICES

Apêndice A: parede com racha e chapas com furos



Apendice B: Salas sem portas e janelas sem vidros

Apêndice C: Visão frontal da biblioteca



Apêndice D

Plano da aula

ESCOLA COMUNITÁRI A 4 DE OUTUBRO

Nome: Professor estagiário – Lucas Nhamafolane Tembane

Classe: 8^a

Disciplina: português

Duração: 90 minutos

Unidade Temática: 11 Textos utilitários

Tipo de aula: introdutória

Tema: Verbos dizer, pedir e ouvir – modo indicativo e conjuntivo

Data: 9/09/2024

Objectivos Específicos: No final da aula, o aluno deve ser capaz de conhecer os verbos irregulares,

- Identificar verbos dizer, pedir e ouvir no modo indicativo e conjuntivo
- Conjugar os verbos dizer, pedir e ouvir no modo indicativo e conjuntivo
- Construir frases usando verbos irregulares

Tempo	Função Didática	Conteúdo	Actividades		Método	Sugestão de material
			Professor	Aluno		
10	Introdução/ Motivação	- Controlo de presenças e correção do TPC, revisão da	-Faz chamada, Revisão da aula anterior.	Responde a chamada Cópia o novo tema do quadro no seu caderno	- Elaboração conjunta	Quadro, giz, livro, caderno

		aula anterior, - Conjugação dos Verbos Irregulares: dizer, pedir e ouvir.	Actividade nº 1 Introduzir o Tema: Verbos Dizer, pedir e ouvir no modo indicativo e conjuntivo			
55	Mediação /assimilação	Conceito sobre o novo tema -Actividade Nº 2	- Conceito sobre o tema, _dita apontamentos sobre o conceito e conjugação de verbos escritos no quadro. actividade nº 2	- Passa apontamentos e copia apontamentos de conjugação dos verbos no seu caderno	Elaboração/ Conjunta Método expositivo	- Quadro, giz, livro, e caderno
15	Domínio /	Exercícios; actividade 2 e 3 responder as questões no	- Orientar na resolução dos exercícios página 168 actividade 3	Resolve exercícios da página 168, actividade 3	Trabalho independente	Livro, caderno,

	consolidação	caderno página 168				
10	Controlo / Avaliação	-Correção dos exercícios -Marcação do TPC	-Orienta a correção dos exercícios no quadro -Dita questões do TPC	Mostram a resolução no caderno. Actividade 4 e escrevendo o TPC no seu caderno	Elaboração / Conjunta	Livro, caderno e giz

Verbos Irregulares

Verbos são as palavras que exprimem acções praticadas ou sofridas por um sujeito.

Verbos Irregulares - são aqueles que sofrem ou não mantem a palavra primitiva durante a conjugação em pessoa e número.

Exercícios de consolidação

1. Preenche os espaços com o tempo e modo dos verbos indicados.

- _____ (pedir) que me expliques esta matéria
- Nós não _____ (ouvir) nada do que o professor contou.
- Ela _____ (Dizer) que estava cansada.
- O professor _____ (pedir) que um aluno fosse ao quadro.
- Nós não _____ (ouvir) o toque.
- Eles _____ (dizer) que a professora já estava na sala.
- Se vós _____ (ouvir) o que eu digo não teríamos esses problemas!

Controlo e Avaliação

TPC

1- Preenche os espaços em branco com os verbos entre parênteses.

- a) Se ele _____ (ouvir) o regulamento da escola, não ia atrasar.
- b) O João _____ (Pedi) me
- c) Tu _____ (dizer) o que queres.

1- Escreve três frases empregando os verbos pedir, dizer e ouvir

Referência Bibliográfica

Pereira, Elsa Costley Whit. *Português 8ª Classe*. Moçambique: Texto Editores, 2007.

Confirma Apêndice E

Plano da aula nº 2

ESCOLA COMUNITÁRIA 4 DE OUTUBRO

Nome do professor: Lucas Nhamafolane Tembane

Classe: 8ª

Disciplina: Português

Duração: 90 minutos

Unidade **Temática:** 11 Textos utilitários

Tipo de aula: inicial

Tema: Conjunções e locuções subordinativas temporais e condicionais

Data: 9/09/2024

Objectivos Específicos: No final da aula, o aluno deve ser capaz de construir orações temporais e condicionais.

- Identificar as conjunções e locuções subordinativas temporais e condicionais.
- Dividir as orações subordinadas temporais e condicionais.

➤ Classificar as orações subordinadas temporais e condicionais

Tempo	Função Didática	Conteúdo	Actividades		Metodologia	Meios
			Professor	Aluno		
10	Introdução/ Motivação	- Controlo de presença - Correção do T.P.C - Revisão da aula anterior - Introdução do tema: Conjunções e locuções conjuncionais subordinativas temporais e condicionais	- Faz chamada; orienta a correção do TPC pág. 168 - Actividade número 2 - Introdução do novo tema: conjunções e locuções conjuncionais subordinativas temporais e condicionais	- Responde a chamada, apresenta a correção do TPC; - Cópia o tema que está escrito no quadro pelo professor.	- Elaboração conjunta - Método expositivo	Quadros, giz, livro e caderno

60	Mediação/ Assimilação	Definições do tema, e apresentação dos exemplos da assimilação dos conteúdos do tema. Actividade número 3 da assimilação do tema	- Apresenta definições e recorrendo aos exemplos para os alunos poderem assimilar. - Faz questões orais sobre o tema. - Dita apontamentos: Conjunções e locuções conjuncionais subordinativas temporais e condicionais.	- Responde as perguntas feitas oralmente - Passa os apontamentos no seu caderno	Elaboração conjunta e Método expositivo	- Quadro, giz, livro e caderno Do aluno
----	--------------------------	--	--	---	---	---

10	Domínio e consolidação	Exercícios de consolidação perguntas no livro, página nº 166 actividades números 3 e 4 da página 166	- Dita as perguntas e orienta a resolução dos exercícios na página 166 actividades números 3 e 4	-Passa os apontamentos, do professor, resolve os exercícios pg. 166	Trabalho independente	Livro da 8ª classe, caderno
----	------------------------	--	---	---	-----------------------	-----------------------------

10	Controle e avaliação	- Correção do exercício, - Marcação do TPC	- Dá a orientação na correção dos exercícios. Marca o TPC	Apresenta a resolução, no quadro e no caderno, pg. 166, copiando TPC no quadro	Elaboração conjunta	Livro da 8ª classe, quadro, giz caderno
----	----------------------	---	--	--	---------------------	---

Conjunções e locuções

Subordinativas Temporais E Condicionais

As conjunções e locuções conjuncionais subordinativas empregam-se em frases constituídas por duas orações: uma oração principal, ou subordinante, e uma oração subordinada, que depende da primeira entre as duas orações estabelece-se uma relação de subordinação, ou seja, de dependência.

As conjunções e locuções conjuncionais subordinativas temporais expressam a ideia do tempo em que a acção ocorre. Iniciam as orações subordinadas temporais.

Exemplos de conjunções e locuções temporais

Conjunções	Locuções conjuncionais	
Quando	Antes que, até que, depois que,	Primeiro que, ao passo que...
Que, mal, apenas	Desde que, logo que, assim que,	Sempre que, à medida que,
Enquanto, como,	Cada vez que,	Tanto que, todas as vezes que

As conjunções e locuções conjuncionais subordinativas condicionais indicam uma condição, ou uma hipótese para ocorrência de um facto, iniciam as orações subordinadas condicionais.

Exemplos de conjunções e locuções condicionais

Conjunções	Locuções conjuncionais	
caso, se	a menos que desde que a não ser que dado que, contando que	excepto se, salvo se, se não (...), no caso de (que),

Exercícios de consolidação

Divide e classifica as orações nas seguintes frases.

- 1- Logo que seja possível, vou procurar a ajuda de alguém
- 2- Vou matricular-me, mal esteja melhor.
- 3- Quando dás ouvidos à más influências, corres o risco de ir por maus aminsos.
- 4- Se não deixares a droga, terás a vida arruinada.
- 5- Não serás ninguém na vida, a menos que deixes os vícios que tens.
- 6- Salvo se decidires tratares-te nunca terás uma vida produtiva.

Controlo e Avaliação

- Os alunos mostram os cadernos de exercícios resolvidos ao professor.
- Faz se a correção dos exercícios no quadro
- Alunos voluntários vão fazer a correção dos exercícios no quadro.

TPC

Divide e classifica as orações nas seguintes frases

- 1- Assim que souber que esse vicio, posso dormir descansada.
- 2- Caso escolhas a droga, dizes não à vida.

- 3- Quando chegares, avisa-me.
- 4- Logo que tenhas notícias, não hesites em contar-me
- 5- Se te tivesse dado ouvidos, não estaria nesta situação

Referência Bibliográfica

Pereira, Elsa Costley Whit. *Português 8ª Classe*. Moçambique: Texto Editores, 200

10. ANEXOS

Anexo a: Credencial


**UNIVERSIDADE
EDUARDO
MONDLANE**

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS
Secção de Português

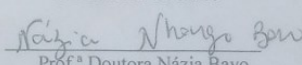
O Director Nacional Adjunto para Área de Graduação
 Prof. Doutor Marlene Mubai
 (Professora Auxiliar)

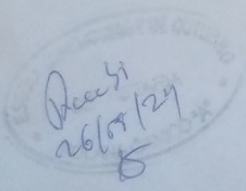
Exmo. Senhor Director da
 ESCOLA COMUNITÁRIA 4 DE OUTUBRO
 Maputo

Credencial

Certifica-se que Lucas Nhamafolane Tembane é estudante da Faculdade de Letras e Ciências Sociais e frequenta a disciplina de Estágio II, no 4º ano do curso de Licenciatura em Ensino de Português. O mesmo deverá apresentar-se à instituição que V.Excia. dirige para a realização do estágio na disciplina de Português.

Com os melhores cumprimentos

Maputo, 19 de Agosto de 2024
 A Directora de Curso

 Prof.ª Doutora Názia Bavo
 (Professora Auxiliar)


 Decidi
 26/08/24
 5

Anexo b: Relatório de fim de estágio

República de Moçambique
Cidade de Maputo
Conselho dos Serviços de Representação do Estado
Serviço de Assuntos Sociais
Distrito Municipal KaMaxakeni
Escola Comunitária 4 de Outubro

Relatório de Estágio Supervisionado

A direcção da escola supracitada informa que o Lucas Nhamafolane Tembane, realizou o Estágio Pedagógico, entre os dias 26/08/2024 e 15/11/2024, tendo concluído o processo com a classificação que se segue:

	Itens ponderados	Valores
1	Pontualidade	20
2	Assiduidade	20
3	Planificação conjunta e individual	16
4	Apresentação pessoal e postura	17
5	Aspecto científico ou domínios dos conteúdos	18
6	Gestão da turma	17
7	Instrução e mediação de aulas	18
8	Correcção da expressão oral e escrita dos educandos	17
9	Classificação final (Média)	18
Observação		Usar uma e única forma de tratamento na produção de provas.

Maputo, aos 16 de Dezembro de 2024

O (a) professor (a) titular

Osvaldo Matias Manjate
Osvaldo Matias Manjate

O (a) Director (a) Adjunto da Escola

Arsénio S. Nhamposse
Arsénio S. Nhamposse

Anexo c: Acta de planificação

ESCOLA COMUNITÁRIA 4 DE OUTUBRO DA POLANA CANIÇO "A"

ACTA DE PLANIFICAÇÃO QUINZENAL Nº 4

Aos 3 dias do mês de outubro do ano 2024 na sala dos professores, reuniu-se o grupo de língua portuguesa da oitava classe sob a orientação de Osvaldo Manjante.

Estiveram presentes

- Mertina
- Maria Augusta
- Lucas Tembane
- Carolina

Planificação quinzenal

Grau de Cumprimento dos programas - Normal

07/10 à 11/10 – Revisão dos textos literários

Distinguir os textos narrativos de dramáticos (2).

Caracterização das personagens, localização das acções no espaço e no tempo. (2)

14/10 à 18/10 – Funcionamento da língua,

Conjunções/locuções subordinativas Causais e finais (2)

Exercícios de aplicação sobre conjunções e locuções subordinativas causais e finais. (2)

Anexo d: Primeira ACS

Escola Comunitária 4 de outubro

Nome Havinda Moida Artur Bilo Nº 9 Turma 2 data 18/9/24 Classif: 14

1ª ACS DE PORTUGUÊS 8ª CLASSE /III TRIMESTRE

COM QUE É QUE SE PARECE UM PROFESSOR?

Ngunga tinha um princípio: Se havia algum problema, ele preferia resolvê-lo logo. Deveria esperar que o comandante o chamasse. Mas não esperou. Foi ele mesmo falar ao comandante, Para quê ter medo?

O comandante Mavinga estava divertido com a conversa. Falou:

- És um rapaz esperto e corajoso. Por isso deves estudar. Chegou agora um professor que vai montar uma escola aqui perto. Deves ir para lá aprender a ler e a escrever. Não queres ?

Ngunga ficou silencioso. Escola? Nunca vira. Ouvira falar, isso sim. Era um sítio onde tinha de se estar sempre sentado, a olhar para uns papeis escritos. Não devia ser bom.

- Prefiro ser guerrilheiro. Se não me querem aqui, então vou para outro sítio.

- Ngunga, tu és pequeno demais para ser guerrilheiro. Aqui já te disse que não podes ficar. Andar só, como fazes, não é bom. Um dia vai acontecer-te uma coisa má. E não estás a aprender nada.

- Como? Estou a ver novas terras, novos rios, novas pessoas. Oíço o que falam. Estou a aprender.

- Não é a mesma coisa. Numa escola aprendes mais. E assim vais conhecer o professor. Já viste um professor? Diz-me com que é que se parece um professor? vais conhecer a escola. Eu parto amanhã e tu vais comigo.

Sem o saber, Mavinga encontrou o que podia convencer Ngunga. Com que é que se parece um professor? Sim, precisava de conhecer o professor. Se não gostasse da escola, o seu saquito era fácil de arruinar. Vendo bem as coisas, não perdia nada em experimentar.

¶ A escola era só uma cubata de capim para o professor e alguns bancos de pau e uma mesa. Ngunga imaginara-a de outra maneira. Também o professor o surpreendeu. Julgava que ia encontrar um velho com cara séria. Afinal era um jovem, ainda mais novo que o comandante, sorridente e falador.

Mavinga apresentou-o ao professor e disse:

- Ngunga precisa de estudar, para não ser como nós. Se se portar mal avise-me. Estás a ouvir, Ngunga? Se não trabalhares bem, eu vou saber. E, se fugires da escola, eu vou encontrar-te.

- Eu nunca fujo! – respondeu Ngunga – quando quiser, digo que vou embora e vou mesmo. Não preciso de fugir como um porco-do-mato.

- O professor riu.

-Espero então que não queiras ir embora. Vais ver como gostarás da escola.

Adaptado de Pepetela, As Aventuras de Ngunga

Depois de ler o texto, procura responder com clareza as questões que se seguem evitando borrões. (9,0)

- 15 1- Qual era o princípio de Ngunga? R: o princípio era se havia um problema, ele preferia resolvê-lo logo.
- 20 2- O que é que o comandante Mavinga falou ao Ngunga? R: o comandante falou para o Ngunga es um rapaz esperto e curioso, por isso eles estudar chegou agora um professor que vai montar uma escola aqui perto, deve ir lá aprender a ler e escrever.
- 10 3- Ngunga ficou silencioso. escola? ... Não devia ser bom. Qual é a preferência do Ngunga? R: A preferência do Ngunga é ser gerreiro.
- 20 4- Qual é a imaginação do Ngunga sobre a escola e do professor? R: o Ngunga imaginava que a escola era uma cabana de capim para o professor e alguns bancos de pau e uma mesa. O professor surpreender julgava que iria encontrar um professor velho e sério. Afinal era jovem e muito mais novo.
- 15 5- Identifique as personagens do texto. R: As personagens do texto são: Ngunga, o comandante Mavinga e o professor.
- 10 6- Ngunga ficou silencioso. (2,0)

- a) Faça análise sintática da frase. R: P. Sujeito
Ngunga ficou silencioso
Sujeito Predicado
- b) Faça análise morfológica do verbo sublinhado na frase acima R: silencioso ficou Ngunga

~~É uma frase no passado no modo conjuntivo verbal~~

- 20 7- Identifique, sublinhando os pronomes indefinidos nas frases seguintes. (3,0)
- a) Nenhum dos alunos faltou à aula. b) Há três vidros partidos, e tu partiste algum. c) estes foram ambos no teatro.

- 30 8- Completa as frases seguintes com os verbos entre parênteses conjugando no tempo e modo adequado. (3,0)

- a) O professor ouviu (ouvir) toda explicação sobre verbos irregulares.
 b) Eu e João dissemos (dizer) que atrasamos na reunião por falta de transporte.
 c) Eles pediram (Pedir) lanche aos quando vão à escola. cancelada

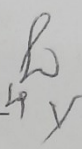
- 9- Divide e classifica as orações das seguintes frases. (3,0)

- 015 a) Quando chegares/avisa-me.
1ª subordinada 1ª oração subordinante
Tempo do condicional
- b) Se te tivessem dado ouvidos, não estaria nesta situação.
1ª oração subordinante 2ª oração subordinada conjuntiva temporal

Bom trabalho!

Anexo e: Segunda ACS

Escola Comunitária 4 de outubro

Nome Primitivo Sidrônio N° 14 Turma 2 data 15/10/24 Classif: 18,19 

2ª ACS DE PORTUGUÊS 8ª CLASSE /III TRIMESTRE

DIA DA FESTA

Um dia, o leão mandou avisar a todos os animais de que a partir daquele dia ninguém mais poderia comer mangas nos seus domínios, a não ser ele próprio, porque era o o rei: - reservo-me o direito de ser o único a comer mangas, porque sou rei.

O coelho não gostou da atitude do rei e resolveu pregar-lhe uma partida. Fingindo-se muito aflito, aproximou-se do cercado que rodeava a casa do rei e começou a gritar:

- Acudam, acudam, acudam ... Vieram os guardas e perguntaram: - o que fazes tu aí, coelho não vês que estás a perturbar o sono do rei? : o coelho respondeu - tenho uma coisa muito grave a comunicar ao rei se ele me quiser ouvir. os guardas riram-se : - claro que o rei não vai querer ver-te, vai-te embora, desaparece e não tornes a perturbar-nos mais. O coelho insistiu: - nesse caso, peço-vos que me amareis. Com todas as forças contra esta árvore, porque vem aí uma grande tempestade que não vai deixar uma só agulha... vai caregar tudo, peço-vos, amarra-me a esta árvore.

Os guardas correram a comunicar ao rei o que o coelho acabara de dizer.

O rei veio e perguntou: - É verdade o que dizes?. O coelho respondeu: - se não for verdade manda-me extrair os olhos e cortar a minha língua. O leão ficou convencido e mandou que o amarrassem, a ele primeiro, à mais robusta árvore. os guardas, por sua vez, pediram uns aos outros para se amarrarem mutuamente. O coelho fingia estar aflito e perguntava: - E a mim quem me amarra, e a mim quem me amarra? Cála-te, bicho insignificante, respondiam os guardas. O último guarda ordenou que o coelho o amarrasse também.

Este assim fez, fingindo ter um grande respeito pelas ordens.

Logo que os apanhou a todos bem atados, o coelho foi-se às mangas e comeu quantas quis. Só então é que o rei compreendeu a esperteza do anibalzinho e jurou vingar-se.

Um dia, o rei leão fez uma festa grande e convidou todos os animais, na esperança de apanhar o coelho. Este, porém, foi ter com o peru e pediu-lhe as penas, foi ter com o faisão e pediu-lhe o carapuço que enfiou na cabeça. Chegou à casa do leão e entrou sem que os guardas desconfiassem.

O leão perguntou: - E tu quem és ? -Só o filho do Céu e da terra, Respondeu o coelho.

O leão sentiu-se muito honrado com a presença do filho do Céu e da terra e determinou que as maiores atenções lhe fossem dadas.

No fim da festa, deram-lhe a melhor cama na casa da mulher grande. O coelho foi dormir e como estava embriagado, ao deitar-se adormeceu logo e o carapuço caiu-lhe.

Quem o viu e reconheceu foi a mulher do leão, foi logo avisar o marido que mandou cercar a casa com muitos guardas e cães.

O coelho viu que tinha poucas hipóteses de poder escapar. Arranjou muitos ossos, meteu-os num saco e saltou da janela, logo perseguido pelos cães. O coelho foi atirando os ossos e os cães foram ficando pelo caminho a roer os ossos. Mas um dos cães não fez caso dos ossos e continuou a puxar pela perna. - Olha, olha este parvalhão, escarneceu o coelho: - Agarra uma raiz pensa que me apanhou. O cão largou a perna.

Adaptado de Lourenço Joaquim da Costa Rosário, Dia de festa, Moçambique Editora, 2005

Depois de ler o texto, procura responder com clareza as questões que se seguem, evitando cometer borrões.

- 10- O texto é uma narrativa, justifique (1,0) É narrativa porque apresenta uma história, o narrador conta o que aconteceu com o coelho e o leão.
- 20- Identifique as personagens do texto. (2) As personagens do texto são: o leão, o coelho, os guardas e o rei.
- 0,93- Porque é que o coelho não gostou do aviso do leão? (1,0) Porque o leão não queria que ele fosse mais comido do que ele poderia comer.
- 04- Identifique a personagem principal ou protagonista no texto. (1,5) A personagem principal no texto é o coelho.
- 15- Os guardas correram a comunicar ao rei o que o coelho acabara de dizer. a) porque é que os guardas comunicaram ao rei? (1,5) O coelho disse aos guardas que viu a mulher grande também e que não vai deixar a sua mulher.
- 10- O que é que o coelho fez depois do último guarda ter sido amarrado? (1,0) O coelho fingiu ter um grande ruído de pés e foi ao namorado.
- 10- O que é que o rei leão fez como via de apanhar o coelho? (1,0) O leão fez uma festa grande e convidou todos os animais na esplanada de apanhar o coelho.
- 10- Porque é que o leão sentiu-se muito honrado? (1,0) O leão sentiu-se honrado porque tinha a honra do filho do rei e do leão.
- 9- Como é que foi o desfecho do coelho com guardas? Concorde com atitude do coelho? justifique (3,0) O desfecho do coelho com guardas é que o coelho entrou na casa do rei e os guardas deram-lhe um
- 20- O rei veio e perguntou a) Rescreva a frase, substituindo: palavras sublinhadas pelos seus sinónimos. (2,0) Assi chegou e questionou
- 10- Passar as frases do discurso directo para discurso indirecto.
 - a) É verdade o que dizes? Perguntou o rei. (2,0) O rei perguntou se verdade o que dizia.
 - b) Tenho uma coisa muito grave a comunicar ao rei, respondeu o coelho. (1,5) O coelho respondeu tendo uma coisa a comunicar ao rei.
- 0- Quantos parágrafos têm o texto? O texto tem 12 parágrafos. (1,0)

Bom trabalho

Anexo f: Trabalho escrito

Escola Comunitária 04 de outubro. (1)
 turma - 2 8º Classe Nº 18

Trabalho de Casa

2- Faça análise sintática das seguintes frases.

a) O João permaneceu sentado. ✓

Sujeito Predicado
 (O João) (permaneceu sentado)

b) A grama comru a banana. ✓

Sujeito Predicado
 (A grama) (comru a banana)

c) O pai deu a laranja ao filho. ✓

Sujeito Predicado Complemento directo
 (O pai) (deu) (a laranja ao filho)

2a) É uma forma do verbo permanecer
 o verbo permaneceu está no pretérito
 imperfeito do indicativo.

b) É uma forma do verbo comer/que encabramos
 o presente de indicativo. ✓

c) É também uma forma do verbo dar/no
 presente de indicativo. ✓

Divide e classifica as orações subordinadas:

1 Quando chegar/avisar-me.

2 Quando - é temporal - subordinada tempo-
 ral

3 Assim que chegar, quando chegar - subordinada